

**Institute For Christian Teaching
Education Department of Seventh-Day Adventist**

**Anatomia e Fisiologia Humanas
Numa perspectiva Criacionista**

Por

Silvio de Moura Bernardes

Professor de Biologia

Instituto Adventista de Ensino do Nordeste

Preparado para

The Integration of Faith and Learning Seminar

Realizado no

Instituto Adventista de Ensino - São Paulo

Julho de 1994

**213-94 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA**

ANATOMIA E FISILOGIA HUMANAS NUMA PERSPECTIVA CRIACIONISTA

1. Introdução

O presente século conhece uma crescente preocupação dos educadores adventistas com os rumos da educação em nossa obra e no mundo. As escolas secundárias se multiplicam e as instituições superiores também. Em vários níveis esta preocupação é sentida. Há necessidade de professores que tenham uma noção exata da missão que lhes é confiada. Paralelo a isso, o mundo cada vez mais se prepara a fim de passar ideologias, as mais variadas e controvertidas, aos estudantes de hoje. É preciso então, analisar, revisar e dinamizar nossos métodos e nossa cosmovisão educacional.

No que se refere à biologia, vamos encontrar, exatamente a ciência que estuda os seres vivos, eivada de conceitos, teorias e pressuposições que, longe de levarem o estudante à fonte da vida, afastam-no do criador e mantenedor dos seres vivos.

Como todas as ciências, a biologia apresenta muitas subdivisões. Estas vão surgindo à medida que os conhecimentos se avolumam. Pelo mesmo motivo, os professores têm que ser cada vez mais especializados.

Embora os motivos para esta subdivisão do conhecimento biológico sejam aparentemente justificáveis, deve-se analisar detidamente as conseqüências. Conquanto um estudo desta natureza seja bastante extensivo, é nosso propósito, no presente trabalho, examinar o assunto voltando nossas atenções para a anatomia e fisiologia humanas. Estes segmentos da biologia têm grande importância por estudarem, respectivamente, a forma e funcionamento do organismo. Analisaremos algumas implicações desta divisão, a partir de uma perspectiva criacionista.

2. Contexto Atual:

As modificações processadas na didática de uma disciplina precisam ser precedidas de um acurado estudo da

2

realidade, a fim de que se conheça a visão dos educandos. Por esta razão, ainda que não seja este o nosso principal objetivo, analisaremos o pensamento do aluno hodierno como ponto de partida para a formação de uma nova base intelectual.

2.1. O Pensamento do Aluno de Hoje

Cada aluno tem uma mente que é trabalhada pela ciência secular para ser em um pensamento meramente evolucionista. Quando outras teorias lhe são propostas, invariavelmente isto é feito de forma superficial e já com a alcunha de coisa ultrapassada e destituída de fundamento científico. Por vezes, ridicularizam-se as demais teorias sobre as origens e o aluno é conscientizado de que, acreditar em qualquer coisa fora do evolucionismo é demonstração de ignorância e atraso cultural.

Analisando-se os livros didáticos, mormente os de biologia destinados ao 2º grau escolar, observa-se que os autores não despertam nos estudantes, a necessidade de examinarem criticamente o que lêem. Seu propósito parece ser apenas a apresentação do maior número de informações científicas possível, da maneira mais fácil de ser assimilada pelo discente. Os pontos duvidosos, as grandes questões e os elos perdidos, são colocados de lado. Deliberadamente traem-se os métodos científicos e promovem-se à categoria de heróis, pseudo cientistas tão somente porque suas pesquisas e conclusões, por vezes empíricas, explicam coisas e fatos desconhecidos, de maneira aparentemente lógica.

O evolucionismo é apresentado como algo certo, cientificamente comprovado e que responde a todas as questões básicas do ser humano sobre sua própria existência: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Se há um evolucionismo que nos responde às questões básicas, e se há uma ciência que pode nos proporcionar bem-estar social, físico e mental, que necessidade temos de Deus? Esta é a perigosa conclusão a que podem chegar nossos jovens estudantes.

Obviamente o professor cristão, mormente o que ensina nas instituições adventistas, deve estar preparado para a seguinte realidade:

1. Um grande número de nossos alunos não tem sua educação fundamentada em bases cristãs.

2. Mesmo os alunos que possuem alguma fundamentação cristã, têm estes mesmos fundamentos seriamente abalados pela dúvida sobre a veracidade dos relatos bíblicos das origens, quando defrontados com os postulados evolucionistas.

3. Há uma boa parte que tem fundamentos naturalistas e outra que pensa panteisticamente.

4. Há teístas com formas de pensar conflitantes.

Os alunos fazem suas pressuposições a partir das explicações de mundo que lhes são transmitidas. Estas, de acordo com James W. Sire, são divididas em três grupos distintos:

1. Teísmo: A realidade primeira se encontra em um Deus pessoal e infinito, que tem existência própria. Tudo o que não é Deus, é por conseguinte, a obra criada por esse Deus.

2. Naturalismo: A realidade primeira é o cosmos por si só. Como diz o popular Carl Sagan: "O cosmo é tudo o que há ou alguma vez houve ou haverá".

3. Panteísmo: O cosmo e Deus são as mesmas coisa. O universo físico é só uma ilusão.¹

Por outro lado, alunos que descobrem a verdade em Cristo e tomam consciência dos enganos da falsa ciência, por vezes adotam uma atitude de aversão aos estudos científicos, necessitando ter suas conflitantes idéias esclarecidas.

O mundo de hoje é relativo. Isto quer dizer que não há firmeza quanto ao que é certo ou errado. Tudo depende do ponto de vista. Porém, em quaisquer circunstâncias, a busca da verdade é sempre um anseio comum da alma humana.

2.2. Formação de uma Nova Base Intelectual:

Lamentavelmente a ciência biológica tem convivido, através dos tempos, com uma quantidade de informações equivocadas que redundaram em grandes atrasos no desenvolvimento. Já se acreditou, por exemplo, que camundongos poderiam ser formados a partir de água, germe de

¹James W. Sire, Disciples Ship of the Mind, p.38.

trigo e outros ingredientes; carneiros poderiam nascer durante a noite, brotando das copas de certas árvores; e que o núcleo do espermatozóide era o próprio ser humano pré-formado. Durante muito tempo, a comunidade científica acreditou que teria havido um ancestral do ser humano conhecido por homem de **Pitldown**. Posteriormente descobriu-se que "os achados de Pitldown não eram fósseis e sim ossos do homem atual e de macaco, artificialmente envelhecidos. Uma brincadeira acalentada como verdade e aceita por quase toda a comunidade científica."²

Atualmente, mesmo com os métodos científicos bastantes aprimorados, gafes, resultados forjados, manipulação indevida de resultados e outros, por vezes, fazem com que a ciência perca bastante tempo em busca de um grande objetivo: a verdade. Como a ciência busca a verdade e o cristianismo também, conclui-se que conhecer o que realmente é a verdade, é um passo muito importante na formação de uma nova base intelectual.

Evidentemente duas perguntas são importantes na reforma da mente secular e na formação da mente cristã. 1. Que é a verdade? 2. Qual a importância da verdade? A Bíblia responde satisfatoriamente a estas perguntas, quando afirma que Jesus Cristo e as escrituras sagradas são a verdade (João 14:6 e 17:17); a verdade liberta (João 8:32).

É uma tarefa das mais difíceis, humanamente falando, estabelecer novas linhas de pensamento. O aluno não é meramente um receptáculo de informações. Ele não precisa de outro ser humano que guie seus pensamentos, mas de alguém que lhe ensine a refletir, avaliar, tirar conclusões, discernir.

O tratar com as mentes humanas é a obra mais delicada que se tem confiado alguma vez aos mortais, e os professores precisam constantemente da ajuda do espírito de Deus para poder fazer corretamente o seu trabalho.³

A mente cristã busca a verdade de forma dinâmica. Não aceita passivamente mas procura comprovar. Não se pode, por exemplo, dizer aos alunos que, pelo fato de serem cristãos, devem aceitar unicamente pela fé as posições criacionistas. Segundo Blamieres, "formar uma mente cristã é o requisito prévio para pensar de maneira cristã; e o pensamento cristão é o requisito prévio para atuar da mesma forma".⁴

Talvez seja melhor, primeiramente uma apresentação

²Harold G. Coffin, O Homem Antigo, p. 99

³ Ellen G. White, Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, p. 12.

⁴James W. Sire, Op.Cit., p.12.

convincente sobre as evidências de veracidade das escrituras sagradas e paulatinamente, levar o aluno ao Criador. O estudo concomitante da anatomia associada à fisiologia poderá ser de grande valia na formação de uma mente cristocêntrica.

3. Morfofisiologia Criacionista X Anatomia e Fisiologia Evolucionista:

Há muitos séculos, anatomia e fisiologia eram ensinadas em um único curso. Nem mesmo nas mentes dos pesquisadores e dos educadores, havia a idéia de separação. Com o passar dos anos, os intensos estudos realizados, e o acúmulo de conhecimentos, foram gradualmente tornando necessário o estudo da forma e da função em separado. A prática, entretanto, mostrou que a anatomia estudada isoladamente, torna-se cansativa e dificulta a compreensão do significado total da estrutura do organismo, sem que se possa entender as funções a ela associadas. A fisiologia estudada separadamente, também torna difícil, por sua subjetividade, o estudo das funções do corpo, sem associa-las à estrutura dos órgãos envolvidos.

3.1. Os Objetivos da Anatomia e Fisiologia Modernas:

O conceito de anatomia tem mudado através dos anos. A fim de compreendermos a conotação atual deste termo, vamos produzir o que dizem Gray e Goss:

Anatomia é uma palavra grega conhecida desde o tempo de Hipócrates (460 a.C), na Grécia antiga, significando dissecação... até nossos dias a anatomia está intimamente ligada à dissecação do cadáver humano. Porém, não é de hoje que o termo ganhou maior amplitude e passou a incluir todo o campo de conhecimento relacionado com a estrutura dos seres vivos e suas formas, tanto no que se refere aos animais quanto aos vegetais. ⁵

Cada ramo de estudo da anatomia moderna adquiriu um nome. Assim é que citologia, histologia, embriologia, e outros, referem-se a estruturas anatômicas microscópicas do organismo.

A necessidade de estabelecer comparações com estruturas de outros seres vivos, deu oportunidade para o surgimento da anatomia comparativa. Assim explicada por Gray:

A anatomia comparativa trata da estrutura de todos os seres vivos, em contraste com a anatomia humana. A comparação de todas as formas, animais conhecidas, vivas

⁵Henry Gray e Mayo Goss. Anatomia, p.1

e fósseis, indica que elas podem ser arranjadas em uma escala que começa com as formas mais simples e progride através de várias gerações, em complexidade e especialização, até as formas mais complexas. O desenvolver-se de uma raça ou espécie particular é chamado "Filogenia". Muitos estágios precoces de desenvolvimento do homem em outros animais, assemelham-se a estágios adultos de animais mais inferiores na escala. Por isso tem sido dito que a ontologia repete a filogenia.⁶ (grifo acrescentado)

Passaremos então a uma compreensão moderna da fisiologia, como é vista por um de seus renomados tratadistas:

Fisiologia é a ciência que estuda a função da matéria viva. Ela procurou explicar os fatores físicos e químicos responsáveis pela origem, desenvolvimento e continuação da vida. Cada tipo de ser vivo... tem suas próprias características funcionais. A fisiologia humana explica todos os aspectos do funcionamento do corpo humano. O fato de permanecermos vivos é algo que independe do nosso controle, pois trabalhamos diuturnamente para satisfazer nossas necessidades vitais como fome, frio, perpetuação da espécie, etc. Assim, o ser humano é, na realidade, um autômato, e o fato de sermos sensíveis, conscientes e inteligentes é parte desta seqüência automática da vida.⁷ (Grifo acrescentados).

Um estudo dos conceitos anteriormente mencionados revela os fortes traços evolucionismo encontrados nestas disciplinas. A filogenia, por exemplo, pressupõe a existência de um mecanismo que determina a origem e a posterior evolução de um organismo, de sorte que o simples dá origem ao complexo, em transformação gradativa. O mecanismo em questão não é outro senão a seleção natural. Convém salientar que, segundo os evolucionistas, a seleção natural não opera em todos os seres vivos, porém admitem ser ela um grande mecanismo formador de novas espécies.

A fisiologia explica que fatores físicos e químico são responsáveis, não só pela origem como também pela manutenção dos organismos, chegando ao ponto de classificar-nos como autômatos.

3.2. As Bases Evolucionistas.

As bases evolucionistas destas duas disciplinas e, como

⁶ Henry Gray, Op. Cit., p.3

⁷Artur C. Guyton, Tratado de Fisiologia Médica, p. 5.

de resto, de toda a biologia, estão em franco desacordo com a figura de um Deus criador e mantenedor do universo. Neste caso, a pergunta mais oportuna seria: Tem o modelo evolucionista oferecido um alicerce seguro para as ciências biológicas?

3.2.1. As Evidências de Neanderthal

O Dr. Harold Coffin foi muito feliz ao constatar que: Em virtude de escassez de registros fósseis humanos, o evolucionismo tenta estabelecer as ligações entre o homem e seus supostos ancestrais, a partir de restos fragmentários. Geralmente os paleontologistas fundamentam-se com princípios dogmáticos, estabelecendo formas a partir dos fragmentos sem, muitas vezes, ter a base necessária. Porém, é diferente com Neanderthal. Seus fósseis, encontrados na África, Europa e Ásia, são bem conservados e, por vezes, o esqueleto está quase completo. Seus restos, até pouco tempo, eram aceitos por todos, como sendo de um homem primitivo. Seu crânio rudimentar, a mandíbula recuada, postura encurvada e cabeça declinada, serviram como base para os cientistas projetassem um homem de aspecto símio e animalesco. Foi, por muitos anos, tido como a principal comprovação da evolução humana.⁹

Quando os cientistas começaram a se perguntar sobre as causas da cifose pronunciada na coluna vertebral da Neanderthal, muitos relacionaram-se com a curvatura normal da coluna dos símios. Isto reforçou as bases evolucionistas, porém, um segundo grupo analisando bem os fósseis como um todo, optou por uma explicação chocante para a época: Aquela cifose era patológica. Posteriormente, esqueletos com características mais modernas, sepultados perto dos fósseis de Neanderthal, na Palestina, indicaram a contemporaneidade desses dois tipos. Em razão disso, Neanderthal não é mais considerado como elo evolutivo, mas como uma variante evolutiva dos símios.

Rudolph Virchow, Biólogo alemão, acrescenta que "Neanderthal era raquítico".⁹ Straus e Cave afirmam, fundamentados em pesquisas paleontológicas, que "esse primata sofria de osteoartrite, sendo igual ao homem moderno afetado pelo mesmo mal."¹⁰

Bowden nos informa que "possivelmente Neanderthal vivia

⁹Harold G. Coffin, Op.Cit. p.100

⁷Ibid, p. 102

¹⁰Ibid. p. 103

de modo promiscuo, o que favorecia a ampla disseminação de doenças como a sífilis, que provocam deformidades ósseas."¹¹

Para estes e outros detalhes, até mesmo renomados evolucionistas admitem hoje, que o fóssil em questão aponta muito mais para um Homo sapiens degenerado do que para um elo evolutivo.

Quando confrontada com a fisiopatologia, a forma, por si só, não foi suficiente para sustentar as predições evolucionistas, revelando-se um fraco alicerce para esta teoria.

3.2.2. O Caso dos Órgãos Vestigiais:

Este foi, por muito tempo, um filão evolucionista, que os defina como órgãos que, por não terem funções definidas em seres mais evoluídos e apresentarem funcionamento em pretensos ancestrais, prestavam-se à confirmação dessa teoria. Tal argumento foi perdendo forças à medida em que, estudos mais acurados, foram descobrindo as funções dos órgãos vestigiais. Antigamente acreditava-se que as glândulas endócrinas não possuíam funções no corpo humano, só por que, ao contrário das exócrinas, elas não apresentavam ductos excretores. Essas glândulas deixaram de ser órgãos vestigiais quando se descobriu que suas secreções eram depositadas diretamente na corrente sanguínea, por isto, não precisavam de ductos excretores. Parece correto imaginar que órgão vestigial é aquele que ainda não tem função conhecida.

3.2.3. O Caso dos Órgãos Análogos:

Análogos são órgãos que cumprem as mesmas funções mas não têm a mesma estrutura. Por exemplo, a asa de um inseto e a asa de uma ave. Ambas servem para voar, porém a asa do inseto é uma simples estrutura da epiderme, enquanto que a asa da ave tem estrutura similar à de um membro anterior usado para a locomoção dos quadrúpedes. Os evolucionistas consideram que a asa é um membro anterior que se transformou durante o processo evolutivo. Tal afirmação pressupõe uma origem comum, por exemplo, entre aves e quadrúpedes, para depois haver a diversificação. Embora tais explicações possam ter uma lógica aparente, alguns dados parecem contraditá-las: ausência de estágios intermediários fossilizados e o fato de que algumas aves possuem asas perfeitamente formadas, mas que não são utilizados com freqüência para alçar vôo. "Um fóssil pertencente a uma gigantesca ave denominada fororacoides, descoberto em 1986-87, nas ilhas Seymour da Anatórtida, revelava asas rudimentares que se prestavam apenas ao equilí-

¹¹Ibid., p. 105

brio do animal em movimento (corrida).¹²

Vialleton, estudando os órgãos homólogos, concluiu: "a pretensão de explicar as homologias e analogias, como fazem os transformistas, é insustentável"¹³

Muitos outros fatos poderiam ser citados, apresentando falhas nas predições evolucionistas. Tais fatos nos dão a certeza de que se faz necessária a apresentação de outro modelo unificado para a biologia.

3.3. Bases Criacionistas Para um Organismo Sabiamente Arquitetado:

Normalmente considera-se que o esqueleto humano possui 208 ossos. Dentre eles temos ossos bem grandes e pesados como o fêmur, a tibia, o úmero e os ossos do quadril. Alguns segmentos como a cabeça (22 ossos), chegam a pesar bastante. Toda esta estrutura, devidamente, é basicamente sustentada pela coluna vertebral. Esta possui apenas 29 pequenos ossos, as vértebras, que representam somente 13,9% da estrutura do esqueleto.

Quando vemos a coluna vertebral apenas pelo aspecto anatômico, temos a impressão de fragilidade e deficiência. Qualquer engenheiro poderia construir um suporte melhor para o corpo humano. Por outro lado, quando articulamos as vértebras e ligamos a coluna aos músculos esqueléticos, deixando ainda que a medula nervosa atravesse-a quase que por completo, liberando os nervos que vão controlar o funcionamento de vários órgãos distantes, tudo muda de figura; a estrutura dá sinais de resistência aos impactos e às pressões, sendo ao mesmo tempo, móvel e multifuncional, servindo como elo de ligação para cabeça, tronco e membros. Uma vértebra isoladamente observada é algo disforme, irregular, fora de propósito. Mas vista no conjunto e em funcionamento, transmite a idéia de organização, harmonia, cooperação mútua e serviços, valores que somente o ARQUITETO DO UNIVERSO poderia reunir, através de sua obra criadora.

Já o estudo da anatomia do aparelho digestivo aponta órgãos bem diferentes em estrutura e forma, tais como fígado e dentes, que parecem destoar do todo e entre si. Todavia, quando relacionados às funções, os órgãos se complementam e passam a ter sentido. Os dentes realizam a digestão mecânica, "quebrando" as estruturas dos alimentos e fornecendo oportu-

¹²D. Rhys, Gigantesca Ave Carnívora de La Antártida, pp. 7 e 8.

¹³L. Vialleton, L'Origines des Êtres Vivants, p. 97.

nidades para que a bile, produzida no fígado é lançada no duodeno, possa colaborar na digestão química dos lipídios.

A arcada dentária do homem adulto possui 32 dentes de 4 formas diferentes, porém todos destinados a uma função comum: a digestão mecânica. Assim é que os incisivos cortam, os caninos dilaceram e os pré-molares e molares trituram os alimentos. Os formatos dos dentes estão de acordo com os seus propósitos na mastigação, bem como com o tipo de alimento que deveria utilizar em sua dieta (Gênesis 1:29).

Para saber se um animal é herbívoro ou carnívoro, basta examinar sua arcada dentária. Embora todos os animais tenham sido criados como herbívoros (Gênesis 1:30) o pecado introduzido em nosso planeta provocou modificações no plano original e a arcada dentária dos carnívoros sofreu modificações adaptativas. Os molares dos herbívoros apresentam mesa dentária, estrutura própria para triturar os alimentos de origem vegetal, que por sua resistência (fibras e revestimento celulósico) não poderiam, de outra maneira, ser penetrado pelas enzimas dos sucos digestivos. Já os molares carnívoros não apresentam mesa, mas bíceps, estruturas próprias para cortar. O fato de ser a carne um alimento de mais fácil digestão, justifica plenamente a forma. Um outro detalhe importante é o movimento de lateralidade (didução) somente encontrado na mandíbula dos herbívoros, a fim de facilitar a trituração.

Embora os dentes dos carnívoros tenham sofrido transformações, estas não conseguiram modificar sua finalidade principal; a mastigação. Neste caso, como na parábola do joio e do trigo, devemos lembrar sempre que "foi um inimigo que fez isto!" (Mateus 13:28). Não se quer, com isto, afirmar que o inimigo "criou" uma denticção diferente para os carnívoros, mas enfatizar que o pecado trazido por ele, obrigou a existência de adaptações.

Os perigos do evolucionismo, no que tange a desacreditar o criador, são muito maiores do que se imagina. Na visão de George Bernard Shaw,

Jamais houve uma tentativa tão determina, tão ricamente arquitetada e politicamente organizada para persuadir ao gênero humano de que todo o progresso, toda prosperidade, toda a salvação individual e social, depende de um indiscriminado conflito pelo alimento, da eliminação dos mais fracos pelos mais fortes, ou seja, de abater-se impune mente o próximo.¹⁴

3.4. Sugestões para um Currículo Integrado:

Dentro da própria anatomia e da fisiologia, encontramos

¹⁴Jean Flori e Henri Rasolofomasoandro, Evolucion o Criación?, p. 16

subdivisões. Assim é que os mais detalhistas preferem iniciar seus relatos pela anatomia microscópica, abordando assuntos sobre a célula, passando pela embriologia, anatomia topográfica, osteologia, astrologia, miologia, cardiologia, angiologia, etc. Tais divisões apenas afastam do educando, a noção de um corpo harmoniosamente.

O planejamento de um curso, seja ele para 1º, 2º ou 3º grau, dentro de uma perspectiva criacionista, deve ter como base indispensável, a manutenção da unidade do organismo, e mais que isso, a contínua demonstração do trabalho do Criador como criador da forma e impulsionador das funções dos organismos por Ele criados. Partindo dessa premissa, talvez fosse melhor, em lugar de nomenclaturar friamente os ossos e seus acidentes anatômicos, para só depois estudar as articulações e os músculos, abranger tudo sob o tópico locomoção, desprezando detalhes de menos importância e enfatizando a compreensão da finalidade de cada estrutura no contexto global.

Visto desse ponto, qualquer estudo anatômico e fisiológico deixa de ser uma causativa memorização de estruturas, para ser uma descoberta agradável e que satisfaz a curiosidade. Os ossos que são alimentados pelo sangue, "fabricam" as próprias células sanguíneas em sua medula. Há um perfeito entrosamento entre nutrição, circulação, respiração e intervenção.

Da maneira como estuda atualmente, o aluno que, por exemplo, vai estudar o aparelho digestivo, pode até saber todas as suas partes e até explicar a captura, deglutição, digestão e absorção dos alimentos, mas certamente não conhecerá a distribuição dos nutrientes e sua utilização pelas células, porque isso somente será estudado em outra etapa. Se, por outro lado, o estudo for integrado, o aluno poderá acompanhar o que acontece com o alimento, desde o momento em que entramos em contato com ele, até o instante em que eliminamos seus catabolitos.

A integração fé, ensino e aprendizagem, por sua vez, não precisa nem deve ser forçada. Não seria muito produtivo dar uma aula cheia de informações científicas. Para, ao final, reservar alguns minutos para uma aplicação espiritual. Melhor seria discorrer sobre certos assuntos misturando ciência e religião, do princípio ao fim, desde que isto seja possível, e noutras oportunidades, apenas informar cientificamente. Uma aula sobre circulação, por exemplo, pode ser dada do princípio ao fim, procurando despertar nos educandos a consciência da importância do sacrifício de Cristo. Por que de seu corpo saiu água e sangue? Sob que circunstâncias alguém pode suar sangue? Que acontece com o coração e demais órgãos de alguém que passa por um estado de grande aflição? etc. Até mesmo em estudos como o das articulações, pode-se analisar fatos bíblicos, como por exemplo, o episódio em que o anjo tocou a juntura do joelho de Jacó.

No ensino superior, muitos professores da área de saúde se deparam com a seguinte divisão: Anatomia e fisiologia I e anatomia e fisiologia II. Então somos tentados a lecionar anatomia na 1ª e fisiologia na 2ª. Poderia ser feita uma divisão por funções, estudando uma boa parte delas na 1ª disciplina e as demais na 2ª.

Tal dinâmica de estudo tornará nossos pressupostos educacionais mais viáveis. Assim, teremos a anatomia estudando o desenvolvimento físico, a fisiologia estudando o desenvolvimento intelectual, e a religião estudando o desenvolvimento espiritual.

4. Conclusão

Conforme o relato bíblico, quando Deus criou o homem, primeiro tomou o pó da terra e modelou o seu corpo (anatomia); depois soprou em suas narinas, o fôlego de vida e só então, deu a sua criatura por acabada e o homem passou a ser alma vivente (Gênesis 2:7). Ao receber o sopro de Deus, recebeu também o homem, a ordem para funcionar (fisiologia). Daí em diante, segundo o plano divino, forma e função jamais deveriam se separar pois, enquanto isto fosse uma realidade, a vida se perpetuaria. A manutenção da unidade, seria de fundamental importância. Não obstante, o pecado introduzido no mundo separou a criatura do criador e, posteriormente, a forma da função (na criatura), promovendo a morte como consequência inevitável.

Anatomia e fisiologia não podem ser ensinadas separadamente, pois são complementares. O evolucionismo, apresentando como justificativa, uma melhor distribuição didática dos conhecimentos acumulados nesta área, promove a separação e disto se utiliza para colimar seus pressupostos.

Conquanto alguns autores ainda apresentem um estudo unificado destas disciplinas, a tendência observada é para uma fragmentação. Neste caso, os professores e as instituições cristãs de educação, devem analisar o assunto com bastante cautela, tomando cuidados para que a noção de unidade, harmonia, propósito e serviço que nos transmite o estudo integrado do corpo humano, não sejam quebrados pelo frio dualismo evolucionista.

O termo "morfofisiologia", do grego morphé (=forma), physis (=função) e lógos (=estudo), poderia ser utilizado, como marco inicial, para o estudo integrado da anatomia e fisiologia humanas, dentro de uma perspectiva criacionista, formando uma base para estabelecer um enquadramento teórico capaz de fundamentar o aluno no verdadeiro conhecimento.

5 - Bibliografia

- Araújo, Gerson Fiores de. Conceitos de Evolucionismo e Criação. Impressões Gráficas Alfa Ltda, São Paulo, 1990.
- Beck, W. David. Opening the American Mind. The Integration of Biblical Truth in The Curriculum of The University. Baker Book House, Grand Rapids, Michigan - USA, 1991.
- Cadwallader, E. M. Filosofia Básica de la Educación Adventista. Centro de Investigación White, Entre Rios, Argentina, 1993.
- Geoscience Research Institute. Origins. Loma Linda University, Loma Linda California, USA, 1988.
- Gray, Henry e Goss, Charles Mayo. Anatomia. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, RJ, 1977.
- Guyton, Arthur C. Tratado de Filosofia Médica. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, RJ, 1973.
- Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. "Seminário sobre Criação". IAENE - Bahia, 05 a 08/10/1989.
- Instituto de Educação Cristã. Artigos e Ensaios sobre a Integração da Fé com o Ensino e o Aprendizado. Institute for Christian Teaching Education Department, General Conference of Seventh-Day Adventists. Old Columbia Pike, Silver Spring, EUA, 1993.
- Ritter, Orlando R. Estudos em Ciência e Religião. IAE, São Paulo - SP, 1978.
- Selkurt, Evald e. Fisiologia. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro - RJ, 1977.
- Sermont, Giuseppe e Fundi, Roberto. Mas Alla de Darwin. Crítica a Evolucionismo. Ediciones Unsta, Tucuman, Argentina, 1982.
- Sire, James W. Discipleship of the Mind. Intervarsity Press Downers Grove, Illinois, USA, 1990.
- Veloso, Mário. O Homem. Uma Pessoa Vivente. Seminário Adventista Latino Americano de Teologia - IAE, São Paulo - SP, 1984.
- White, Ellen G. Conselhos aos Pais Professores e Estudantes Relativos à Educação Cristã. Casa Publicadora Brasileira, Santo André - São Paulo, 1975.